

»Entrevista | BIA KICIS | DEPUTADA FEDERAL (PL-DF)

Parlamentar mais votada no Distrito Federal está engajada na estratégia de desconstruir, particularmente no Nordeste, os ataques disparados contra Bolsonaro. E diz esperar não ver um confronto entre o Senado e o Supremo em 2023

“A verdade vence o papo-furado”

» DENISE ROTHENBURG
» MARCOS BRAZ*

Deputada federal mais votada no DF nas eleições do último domingo, com 214.733 votos, Bia Kicis participou ontem do CB.Poder, uma parceria do **Correio** e da TV Brasília. Em entrevista a Denise Rothenburg, a parlamentar explicou que o foco nas próximas semanas será na campanha de reeleição de Jair Bolsonaro (PL). Bia Kicis afirma que a estratégia é desconstruir as críticas a Bolsonaro. Segundo ela, não passam de “papo-furado”. Kicis revela, ainda, interesse em disputar o Senado ou o GDF em 2026. Leia, a seguir, trechos da entrevista.

A que a senhora atribui essa votação tão expressiva?

É claro que tem aí a força do presidente Bolsonaro no Distrito Federal, porque as pessoas me identificam muito com ele — e com razão. Mas tem também, é claro, o reconhecimento do meu trabalho, porque outros deputados próximos também do presidente Bolsonaro não conseguiram se reeleger em seus estados. Tem o reconhecimento da minha atuação como a primeira mulher a presidir a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), trabalho que fiz com seriedade e dedicação. Houve esse reconhecimento do povo, e eu tenho muito a agradecer.

A senhora esteve hoje (ontem) no Planalto, ajudando na estratégia de Bolsonaro para o segundo turno, e vai para Vitória da Conquista (BA). O que esperar dessa viagem?

Nós temos que entender o que está acontecendo no Nordeste. É a melhor forma de entender é estar lá, conversando com as pessoas, dialogando com o povo. Queremos conversar com as mulheres simples da Bahia. Aqueles que dependem de auxílios, por exemplo. Elas estão recebendo do governo, mas muitas vezes não recebem a informação correta. Queremos conversar com as mulheres que cuidam dos seus filhos, para que elas entendam que a política do presidente Bolsonaro é uma política pró-família, pró-vida. Mas, para isso, é preciso que a informação chegue lá, na ponta.

A senhora vai na companhia da senadora Damares Alves. Ela pode fazer diferença no Nordeste?

Acredito que sim. A Damares tem uma presença muito forte no Nordeste. Ela mobiliza, não é? E

Ed Alves/CB



Às vezes, o presidente fala umas bobagens. Eu não aplaudo as bobagens que ele fala, mas eu aplaudo o governo que ele faz”

eu já tenho um perfil um pouco diferente, acho que a gente se complementa. Então, vai ser muito importante essa nossa ida. Nessa largada do segundo turno, até agora o presidente tem recebido apoios. Hoje (ontem) a campanha começa efetivamente. E nós vamos dar essa largada em Vitória da Conquista. Fazendo aqui um trocadilho, é para que a gente conquiste a vitória.

O que pretendem mostrar?

A gente sabe que está difícil, que o salário está curto. Agora, imagina se não fosse um governo tão competente para lidar nessa situação do pós-pandemia e de guerra? Como é que nós estaríamos? Basta olhar para os nossos vizinhos e ver como os governos aliados ao Lula estão lidando na Argentina, na Colômbia, no Chile, na Venezuela. É o caos. No Brasil, apesar de toda a dificuldade, que a gente reconhece, o povo está começando a ver uma melhora, começando a respirar. Os preços estão caindo.

O ex-presidente Lula tem focado na questão da democracia. Como vai ser para desmontar esse discurso?

Esse discurso só existe porque é acompanhado por parte

da mídia, por parte da OAB, por algumas instituições que estão completamente aparelhadas. Ontem eu estava ouvindo um programa de TV e, sinceramente, dá vontade de vomitar. Estavam defendendo ministros do Supremo que estão violando a Constituição: abrindo inquéritos ilegais, mandando prender deputado, interferindo no poder do presidente, na atribuição constitucional dele de nomear diretor da PF, entrando em contas de empresas, bloqueando só porque eles apoiam o presidente da República. Essa parte da mídia fica dizendo que quem é antidemocrático é o presidente.

E o que vocês têm a dizer?

Essa mentira não se sustenta. Quem o Lula defende? O presidente da Argentina, o presidente da Venezuela, o Daniel Ortega, da Nicarágua, um país onde estão fechando igrejas, fechando emissoras de TV. Isso é só narrativa, papo-furado. E você vence o papo-furado com a verdade.

Em relação à pandemia, o PT imagens do presidente Jair



Bolsonaro dizendo que não era coveiro, ele imitando uma pessoa com dificuldade para respirar. Isso é uma preocupação para a campanha do Bolsonaro?

Tem que mostrar que eles editaram. Por exemplo, aquelas coisas de dizer que ele imitou a pessoa (tossindo). Não, ele estava falando como era a política do Mandetta, que era o ministro da saúde. Deixa a pessoa ficar em casa até ela não ter ar... Aí ele mostrou como era o sufoco de uma pessoa sem ar. Ela vai para o hospital para quê? Para ser entubada e morrer? Então, ele estava contestando essa política. Ele não estava debochando.

E o “coveiro”?

Gente, vamos olhar os fatos. Aquela história “não sou coveiro”, ele realmente falou no momento que estava sendo atacado pela mídia. Mas aqui no Brasil, naquele momento, estava todo mundo transtornado. Ninguém sabia com o que a gente estava lidando, e, às vezes, o presidente fala umas bobagens. Eu não aplaudo as bobagens que ele fala,

mas eu aplaudo o governo que ele faz. Então, um governo que deu, sim, vacina pra todo mundo. A primeira vacina foi distribuída no mundo em dezembro de 2020. Em janeiro de 2021, aqui no Brasil, já se estava dando vacina.

Outro assunto que vai ser explorado pela oposição são as universidades. Como fazer frente à crítica “O presidente não cuida educação”?

As universidades, infelizmente, os professores nem quiseram dar aula. Durante a pandemia, ficou todo mundo em casa. E até hoje tem gente que não quer voltar a dar aula. Então, se não está tendo aula, não precisa de tanto recurso. E mais, os recursos, eles podem ser utilizados onde são mais necessários. Se o pessoal das universidades, infelizmente, quer fazer pesquisas voltadas, por exemplo, só para questões que não vão trazer nenhum benefício pro Brasil, questões ideológicas, eu não vejo por que você ficar patrocinando esse tipo de pesquisa.

O que deve ser feito?

As universidades merecem um olhar especial. Mas infelizmente, hoje, o que a gente vê é o Supremo Tribunal, por exemplo, adotando uma tese de que a

autonomia universitária permite que as universidades sejam terra de ninguém. Eu me formei pela UnB, uma universidade pública. Eu nem reconheço a UnB quando eu vou lá. É um absurdo aquilo ali, é um campo para formar militância. Nós queremos universidades sérias, que possam formar pessoas e devolver à sociedade algum benefício pela gratuidade que elas têm no seu estudo.

O Bolsonaro ampliou muito a bancada no Senado Federal, onde são julgados os pedidos impeachment contra ministros do Supremo. Vem aí um confronto?

Não. Na verdade, o que há hoje é uma invasão de competência do Supremo sobre o Legislativo e o Executivo. Não queremos isso. Ainda mais eu, que sou uma pessoa de formação jurídica. Eu me formei aprendendo a ter admiração pelo Supremo. É uma instituição importantíssima. Hoje, me dói ver ministros sendo achincalhados. O Supremo hoje é a instituição menos respeitada pela população brasileira. A não ser por aqueles que aplaudem, né? Porque acham bonito perseguição de inimigo, acham bonito ver ministros do Supremo fazendo política. Eu não acho isso bonito nem democrático.

E o que a senhora espera?

Sabe o que eu espero, sinceramente? Que só o fato de o presidente ter mostrado a força dele, de ter conseguido a eleição de 20 senadores aliados, de governadores, seja suficiente. Espero que, com isso, os ministros do Supremo façam uma reavaliação — aqueles que estão abusando da sua autoridade — e retrocedam.

A senhora tem planos para um mandato majoritário?

É possível. Quero ver como o eleitorado vai se comportar com relação a isso, porque as pessoas me pedem muito. Vem para o Senado, Bia, vai para o governo. Eu digo o seguinte: para o Senado, desta vez eu não tinha como vir, porque eu estou no partido da Flávia Arruda, ela é presidente do partido e já havia se lançado. Depois surgiu a Damares, que é também uma pessoa de alinhamento muito forte com o presidente Bolsonaro. Então não faria menor sentido eu disputar com a Damares. Daqui a quatro anos, são duas vagas, né? Então é, sim, possível que eu queira concorrer. Eu tenho vontade de ir pro Senado. (*Estagiário sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza)

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

O Brasil que vai às urnas com Lula e Bolsonaro

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PL), que disputarão o segundo turno das eleições no dia 30 de outubro, alcançaram 48,43% e 43,20% dos votos no primeiro turno, respectivamente. Lula venceu em 14 estados; e Bolsonaro, em 12, além do Distrito Federal. Esse resultado revela uma profunda divisão do país, que também ocorreu em eleições anteriores. O petista ficou com a maioria dos votos em todos os estados do Nordeste, enquanto Bolsonaro teve maior adesão em todos os estados do Sul e Centro-Oeste. As regiões Sudeste e Norte ficaram divididas. No Sudeste, Lula venceu em Minas Gerais, mas perdeu nos outros três estados. No Norte, quatro

estados ficaram com o ex-presidente; e três, com o atual, entre os quais o Pará.

Há muitas leituras para essa divisão entre os Brasis meridional e o setentrional, principalmente no Nordeste. Uma delas é a de que o Brasil moderno apoia Bolsonaro, enquanto o atraso está firme com Lula e não abre. Esse tipo de interpretação já se traduziu numa guerra suja de memes nas redes sociais, na qual o preconceito contra os nordestinos revela uma xenofobia estranha e perigosa para a coesão social e a unidade nacional.

Xenofobia é a hostilidade e o ódio contra pessoas por elas serem estrangeiras ou por serem enxergadas como estrangeiras,

como às vezes acontece com os nordestinos no Sul do país. Esse sentimento já foi muito comum no Rio de Janeiro, contra os “paraíba”, e em São Paulo, em relação aos “baianos”, como eram chamados de forma generalizada, durante o processo de urbanização e industrialização do país, que atraiu para essas metrópoles grande número de migrantes, que fugiam da miséria, da fome e da seca do Nordeste. Em Brasília, a expressão “candango”, que era pejorativa em relação aos que trabalharam na construção da nova capital, porém, virou sinônimo de brasiliense.

Autor de *Casa Grande & Senzala*, o sociólogo Gilberto Freyre foi muito contestado por

estabelecer como padrão para a formação do patriarcado brasileiro a composição étnica do Nordeste brasileiro, principalmente de Pernambuco. Em resposta, na conferência “Continente e ilha”, apresentou sua tese de que nos desenvolveríamos social e culturalmente em ilhas, e essas ilhas, em arquipélagos, ou numa enorme ilha-continente. Segundo Freyre, na América Portuguesa haveria uma base cultural lusitana e cristã que nos daria unidade, e, por consequência, seria a chave da brasilidade.

“Desculturização”

Freyre destacou que o “processo sociológico de povoamento”, a partir de Porto Alegre, se desdobrou em dois sentidos: no de ilha e no de continente. Ressaltou, ainda, as contribuições italianas e alemãs à cultura nacional, que chamou de “valores neobrasileiros”, mas que só ganham espaço na medida em que são assimilados pela

cultura nacional. Quanto a isso, chamou atenção para o “pan-germanismo”, que representaria uma ameaça real, que viria a ser duramente combatida por Getúlio Vargas após o Brasil entrar na guerra contra o Eixo.

Os sentimentos de continente e de ilha seriam antagonismos constitutivos do Brasil e estariam em equilíbrio, uma vez que o contrário disso nos sujeitaria “(...) a uma verdadeira guerra civil, na sua psicologia social e dentro de sua cultura”. É mais ou menos o que está ocorrendo neste momento de radicalização política. Por outro lado, essa xenofobia reflete um processo regressivo de “desculturização”, que outro genial intérprete do Brasil, Darcy Ribeiro, atribuiu à crueldade, à rigidez e ao autoritarismo com que se deu a associação entre negros, índios e brancos no processo de colonização e que se reproduz em razão do nosso déficit educacional e atraso cultural, inclusive das elites econômicas.

Segundo Darcy Ribeiro, foi

dentro dos cenários regionais que a busca de si mesmo se fez necessária para se iniciar o nosso processo civilizatório. A “humanidade” renasceria da extinção de povos, com suas línguas e culturas próprias e singulares, a partir do surgimento de macroetnias maiores e mais abrangentes. Darcy registra a existência dos Brasis “crioulo”, “caboclo”, “sertanejo”, “caipira” e “sulino”, facilmente identificados, por exemplo, na nossa cultura popular, mas que também têm expressão na forma como se faz política nas diferentes regiões do país.

De certa forma, Lula e Bolsonaro se identificam com maior ou menor facilidade com cada um desses Brasis. Ou seja, a divisão política e ideológica do país tem uma dimensão antropológica que precisa ser levada em conta para que possa ser superada, condição para a construção de qualquer projeto de futuro em bases democráticas e que busca a superação de nossas desigualdades e iniquidades sociais.